

# Joaquim Azanha Galvão

Dentre os vultos do passado que, em rasgos de trabalho profícuo, contínuo e honrado, tudo fizeram pelo progresso de Santa Bárbara,



ra, é justo e preciso se destaque o do saudoso Joaquim Azanha Galvão.

Português, embora, foi um barbarensense de coração. Nêste sólo edificou o seu lar. Aqui plantou a raiz de uma fortuna que logo floresceu, tornando-se basilar na sua estrutura econômico-financeira, e legou aos seus filhos essa sementeira da riqueza, assim como os seus nobres predicados morais. Militou na política local de então e, como vereador operoso que foi, prestou relevantes serviços a esta terra. — (Do "Album Ilustrado de Sta. Bárbara")

## Depósito e Fábrica de Bebidas

Irmãos Limongi Ltda.

Bebidas e refrigerantes — Caninha Lagoinha — Vinhos superiores — Aguas e Licores — representantes dos produtos ANTARCTICA



Rua 13 de Maio, 325 — x — Fone, 2031  
SANTA BÁRBARA D'OESTE

# Tributos ao Estado

Por João Rosa S. Júnior  
Chefe do Posto Fiscal

E' uma pergunta de todo o momento. Parece, porém, que a falta da primeira há de gerar a falta da segunda. A verdade, porém, é que nós só nos apercebemos de quanto são necessárias uma e outra quando elas não estão ao alcance de nossa mão, ao ser comprimido um comutador ou girada uma torneira. Aí então, quasi que naturalmente volta-se a nossa idéa para a origem da falta. E vem a pergunta: — Será que não se pode tomar uma providência mais urgente para a solução?

Pois bem. E' esta a razão do presente texto.

Nenhum de nós se apercebe devidamente do quanto de útil é um bem, utensílio ou serviço, enquanto não se vê privado dêle.

Se considerarmos de per si cada um destes imensos empreendimentos, a mobilidade de um corpo funcional harmonioso para a consecução de seus fins, a manutenção de aparelhamento adequado, a racional orientação administrativa, veríamos então os ingentes esforços despendidos pelas autoridades estatais. Seria o suficiente? Não. Falta-lhe um aditivo que considerariamos necessário e suficiente. E' a arrecadação dos tributos necessários para o funcionamento da máquina administrativa. Com êles o Estado pode fazer tudo. Sem êles não pode fazer nada.

Se porventura houvesse hipoteticamente — a carência de um dos tributos a serem arrecadados, deixando de ser coberta uma das dotações do complexo orçamento estatal, poder-se-ia imaginar como condição imediata a extirpação de um dos serviços que o Estado presta, ou mesmo, a diminuição progressiva de diversos destes serviços. Aí então, como no caso da água e da luz, poderia o contribuinte aperceber-se da falta de um bem a que já se acostumou a receber? Exemplifiquemos:

### Casos de Educação e Saúde

Faltando meios ao Estado, impossibilitadas a Fazenda e a Educação de manterem uniformemente, o corpo docente e o aparelhamento adequado, seria diminuído o ritmo edu-

cacional para as crianças do Curso Primário, para os meninos do Ginásio, para os rapazes do Colégio e para os moços das Faculdades? Falta de assistência pré-natal, falta de amparo à infância, desequilíbrio no atendimento dos cidadãos nos Centros de Saúde, perigo de não extirpação de endemias, etc., etc.

Seria necessário ampliar o problema para as outras ininterruptas atividades do Estado, para mostrar toda a gama de dificuldades a serem enfrentadas pelos cidadãos?

Meditando seguramente, cada um dos leitores poderia se aperceber da calamidade que o cercaria?

Reconhecida a premissa de que o Estado é o poder que, criado pelos próprios homens, pode e deve gerir os seus destinos, para tanto precisa de meios. Como, porém, juntar êsses meios se o cidadão que frui dos benefícios é o primeiro a negar o seu quinhão? Como equilibrar um orçamento complexo, se às despesas vultosas investidas no bem público são o custo compensadas por uma penosa receita?

Não é o objetivo do presente artigo a doutrinação de todo o povo. Oxalá assim fosse... A verdade, entretanto, é que desejamos abrir os olhos daqueles que, incautamente, ameaham para si, correndo todos os riscos, sem se aperceberem de que, direta ou indiretamente, pela sua incoersível intenção de burlar, estão sendo também prejudicados. E' o momento em que, simbolicamente, ao comprimirem um interruptor ou girar uma torneira, é-lhes negado o serviço para o qual não contribuíram.

Se fosse possível, por princípio de assimilação, inculcar nêsses espiritos menos bem orientados, o quanto de bem existe na cooperação tributária, para aproveitamento comum, poderia o Estado, através de administração sempre sadia, de uma fiscalização menos repressiva e mais orientadora, distribuir a todos, indistintamente, os benefícios, os serviços, a assistência, cuja finalidade é a razão última de sua existência.

# NO MEU TEMPO

Por Abo

## A LUZ ELÉTRICA

A luz elétrica veio para nossa cidade ao mesmo tempo que se instalava a primeira usina açucareira ou por essa mesma razão. Os meninos da época e mesmo os adultos alhavam com interesse aqueles homens no insano trabalho de fincar postes no solo. Outros, os eletricitistas, subiam poste acima, com o auxílio de espóras, colocando isoladores e estendendo os fios transmissora corrente.

Construiu-se a casa da central elétrica. A essa passamos chamá-la Empresa.

As instalações e a iluminação eram simples rudimentares mesmo mas era Luz.

Os curiosos indagavam, especulavam, outros davam opiniões abalisadas, pois, como viajantes por outras cidades, conheciam a novidade.

Veio o dia da inauguração.

Festões, bandeirolas e arcos de bambú engalanaram a cidade num ar festivo. Muita alegria e beireto conferiu leh a Ordenação Sacerdotal em 1933 no dia 31 de Dezembro, com os seus costumes domingueiros.

A noite, com a inauguração oficial, até champagne esteve presente na hora dos discursos.

O Prefeito, convidado a ligar a chave da iluminação publica, o fez com um certo receio e nervosismo.

— Será que acende?  
— Será que não acende?

Muitos duvidavam que essa coisa misteriosa, electricidade, correndo pelos

fios produzissem fôcos luminosos nas lampadas.

Finalmente, fez-se Luz: a chave fora ligada. A alegria contagiou a todos. A Banda de Música rompeu nos acordes do HINO NACIONAL e todo o mundo em pé, emocionado, ouviu-o respeitosamente para finalmente, dar um grito unisono, como descarregando a tremenda tensão nervosa. Abraços de alegria e aplausos estuantes.

Entretanto, os pessimistas, os do contra, destoavam da alegria geral, baseados em pequenas coisas sem importância, impricavam contra a novidade:

— Porqueira.

— Isso é pecado, isso é

— Oi a luz piscano, a

do diabo, Deus castiga.

lampa tremeno...

— Isso vai mataá gente,

oceis vai vê.

Como não podi adeixar de ser, os lampiões de "seu" Tonico Fão, os lampiões dos seresteiros e das serenatas dolentes, tiveram a sua aposentadoria forçada passando a sua memória para o esquecimento.

As famílias vinham para as calçadas conversar sob a luz e nós, os garotos, divertiamos em recolher besouros, retê-los nas mãos sentido o esforço tremendo desses colepteros para fugirem a prisão.

Houve muita anedota sobre a Luz.

Pessoas que tentavam apagar as luzes com um sopra.

Outra que queriam acender os seus cigarros de palha nos fôcos luminosos.

Será, não será.



**União Agrícola Barbarensense F. C.**

que desde 22 de novembro de 1914, vem defendendo as atividades esportivas da nossa terra, congratula-se com o JORNAL D'OESTE pela passagem de seu 13.º aniversário

A DIRETORIA

A AGÊNCIA DO

# BANCO MERCANTIL DE SÃO PAULO S/A.

Vale-se da oportunidade oferecida pelo transcurso de décimo Terceiro aniversário do semanário

## JORNAL D'OESTE

Para, por seu intermédio, saudar a nobre e laboriosa população barbarensense.